

**Presença feminina no jornalismo pernambucano: dos primórdios à regulamentação  
profissional<sup>1</sup>**

Maria Luiza Nóbrega de Moraes<sup>2</sup>

Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GT de Jornalismo no V Congresso Nacional de História da Mídia, Facasper e Ciee, São Paulo, 2007. Maria Luiza Nóbrega de Moraes, Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco. , coordenadora da pesquisa *Mulheres jornalistas na mídia pernambucana (1900-2000)*. Coordenadora do Núcleo Regional da Rede Alfredo de Carvalho em Pernambuco.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação Rural pela UFRPE. Coordenadora da pesquisa *Mulheres jornalistas na mídia pernambucana (1900-2000)*. Coordenadora do Núcleo Regional da Rede Alfredo de Carvalho em Pernambuco. Coordenadora do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: [luizanobrega\\_ufpe@yahoo.com.br](mailto:luizanobrega_ufpe@yahoo.com.br)

## RESUMO

A presença feminina no jornalismo pernambucano registra-se desde o século XIX. Inicialmente, uma participação restrita a conteúdos literários que depois se vai ampliando. No século XIX, destacamos Umbelina Ribeiro Roma, dona da Tipografia Viúva Roma & Filhos que assume a produção de jornais políticos, em 1848. No fim do século, Pórcia Constancia de Melo dirigiu alguns jornais publicados em sua tipografia. Maria Heráclia d'Azevedo dirigiu O Myosotis, em 1875. Em 1883, Josefina Águeda Felisbela Mercedes de Oliveira e Maria Augusta Generosa Estrela são redatoras do jornal A Mulher, provavelmente o primeiro periódico pernambucano a discutir com ousadia os espaços femininos na sociedade. No século XX, este trabalho contribui com informações sobre a participação feminina no jornalismo pernambucano até os anos 60, acompanhando as inovações das mídias e a luta pela profissionalização.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo Pernambucano; Mulheres na Mídia; Mulheres no Jornalismo.

## Presença feminina no jornalismo pernambucano: dos primórdios à regulamentação profissional<sup>3</sup>

Maria Luiza Nóbrega de MORAIS<sup>4</sup>

As pioneiras da imprensa em Pernambuco são uma referência em habilidade e perseverança na conquista paciente e firme dos espaços. Elas vão chegando devagar. Poucas tiveram uma produção expressiva, mas, incontáveis as que se fizeram presentes. Uma carta, um soneto, uma crônica, um desabafo, uma palavra solidária marcaram a entrada das mulheres no jornalismo pernambucano.

O primeiro jornal para mulheres, no Estado de Pernambuco, foi *O Espelho das Brasileiras*, em 1831. Era uma publicação bissemanal, redigida pelo francês Adolphe Emile de Bois Garin. Trazia anedotas, curiosidades e assuntos amenos. (Nascimento, 1968, p.79-80) Outros jornais foram surgindo ao longo do século: *O Relator de Novellas* (1837), *O Espelho das Bellas* (1841), *O Recreio das Bellas* (1849), *A Grinalda* (1849), *O Bello Sexo* (1850), *O Jardim das Damas* (1852), *Estrella das Bellas* (1856), *O Ramallete* (1861), *Jornal das Damas* (1862), *A Primavera* (1863), *A Madressilva* (1869), *O Beijo* (1873), *Phalena* (1877), *O Beija-Flor* (1880) e outro *O Beija –Flor* (1883). Esses periódicos eram de caráter literário. Faziam uma referência explícita ao público feminino, embora alguns deles de iniciativas masculinas, contavam, eventualmente, com a colaboração feminina. Outros jornais produzidos por mulheres também tinham esse caráter literário. Os jornais *A Mulher* (1875) e ainda *A Rosa* (1890), este sob a direção de Pórcia Constância de Melo, proprietária da tipografia que o imprimiu. A tipografia de D. Pórcia, como era conhecida, imprime, também, alguns números da revista *A República*, do Centro Republicano de Pernambuco (1888) e *O Larousse*, órgão do Partido Católico e da Sociedade de Homens de Letras (1890). (Nascimento, 1970)

Outro tipo de periódico que incluía naturalmente as mulheres como receptoras eram os jornais dirigidos às famílias. O *Monitor das Famílias*, “periódico de instrução e recreio, dedicado ao “belo sexo”, inicia, em 02.12.1859, com a direção de Felipe Néri Colaço que, também,

---

<sup>3</sup> Trabalho apresentado ao GT de Jornalismo no V Congresso Nacional de História da Mídia, Facasper e Ciec, São Paulo, 2007. Maria Luiza Nóbrega de Moraes, Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco. , coordenadora da pesquisa *Mulheres jornalistas na mídia pernambucana (1900-2000)*. Coordenadora do Núcleo Regional da Rede Alfredo de Carvalho em Pernambuco.

<sup>4</sup> Mestre em Comunicação Rural pela UFRPE. Coordenadora da pesquisa *Mulheres jornalistas na mídia pernambucana (1900-2000)*. Coordenadora do Núcleo Regional da Rede Alfredo de Carvalho em Pernambuco. Coordenadora do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: [luizanobrega UFPE@yahoo.com.br](mailto:luizanobrega UFPE@yahoo.com.br)

publicou outros jornais dirigidos ao público feminino. Apresentava seções bem definidas, determinando o público de cada uma: *Leitura para todos*, *Leitura para as senhoras* e *Leitura para os meninos*. Trazia figurinos de modas, receitas culinárias, riscos de bordado e labirinto, músicas para canto e piano e ainda conselhos para as senhoras. Era uma publicação bem cuidada e foi a primeira, em Pernambuco, a utilizar ilustrações com gravuras em litografia. Estava prevista para sair em 1860, mas foi antecipada em virtude da visita do casal imperial, Imperador D. Pedro II e Imperatriz Tereza Cristina, quando fez uma ampla cobertura do evento. Neste periódico, Nascimento registra a colaboração feminina de Adélia Josefina de Castro Rabelo, com poesia, e de Maria Felícia Testas, em prosa. O jornal circula até agosto de 1861. (Nascimento, 1970, p. 121-123). *O Myosotis* – jornal das famílias – surge em julho de 1875, trazendo literatura e modas e era dirigido por Maria Heráclia d’Azevedo, sua proprietária. Maria Heráclia escrevia em prosa e poesia e começou a publicar na imprensa no periódico *A Madressilva*. (Nascimento, 1970, p. 404-405).

Em 1883, surge a publicação *A Mulher – periódico de literatura, medicina e belas artes consagrado aos interesses e aos direitos da mulher brasileira*. Esse jornal tem a particularidade de haver iniciado nos Estados Unidos; só a partir do número 07, após um intervalo de dois anos, foi impresso nas oficinas do Jornal do Recife. As redatoras são Josefina Águeda Felisbela Mercedes de Oliveira e Maria Augusta Generosa Estrela. (Nascimento, 1972, p. 142-143).

Outros jornais como *Jornal de Variedades* (1835) e *O Brinco das Damas* (1849) são jornais literários que sugerem um público feminino.

Parte desses jornais tinha periodicidade irregular e curta duração, ou eram episódicos – como as poliantéias e/ou como aqueles que não passaram da primeira edição. A maioria era dirigido ao público feminino ou contava com a participação feminina. Foram muito importantes para a inserção da mulher na imprensa em Pernambuco, mas não representavam, necessariamente, uma posição desafiadora.

Ferreira (1999) e Siqueira et al. (1995) aprofundam análises sobre a participação feminina na imprensa pernambucana deste século, e destacam a importância dessa participação na imprensa abolicionista.

Nascimento registra, ainda, a presença de mulheres em vários jornais da imprensa diária. Esses registros, entretanto, não permitem identificar se essas colaborações eram frequentes ou eventuais. Na comemoração do terceiro aniversário da Abolição da Escravatura, o *Diário de Pernambuco* traz, na primeira página, a participação de Maria Amélia Pereira de Queiroz. (Nascimento, 1972, p. 101) Essa poetisa também participou do *Vinte e Cinco de Março* e do *Jornal do Povo*, diário vespertino que iniciou em janeiro de 1889 e terminou em julho do

mesmo ano. Ainda no Diário de Pernambuco, em 1892, registra-se a colaboração de Maria Amália Vaz de Carvalho que, também, escreveu no *Jornal do Recife*, em 1890, e na *Revista Moderna*, em 1894. Corina de Alencar escrevia poesias no *Diario de Pernambuco* (1892) e no matutino *Commercio de Pernambuco*, integrando o grupo dos primeiros intelectuais que colaboraram com esse jornal, que circulou entre março de 1892 e março de 1900. (Nascimento, 1966, p. 333) Laura da Fonseca escreve para o *Diario de Pernambuco* e, em 1888, para *O Philartista*, gazeta musical e, em 1899, para a *Gazeta da Tarde*. Nessa gazeta, participam também Carmen Freire, Baronesa de Mamanguape (1892), Elvira Gama (1895) e Eufrosina Mendes Martins (1897). (Nascimento, 1966, p. 96) No *Jornal da Província* (1874), está a poetisa e escritora Francisca Isidora Gonçalves da Rocha que, também, escreveu para o *Correio Pernambucano* (1868), *Diario de Pernambuco* (1901) e colaborou com vários outros periódicos que não integram a imprensa diária. Em 1899, o *Álbum de Domingo* do *Diario de Pernambuco* registra as colaborações de Ana de Castro Osório, Georgina Teixeira e da poetisa Auta de Souza. (Nascimento, 1966, p. 107) Muitas outras mulheres colaboraram com a imprensa diária mas, a rigor, foram colaborações limitadas a produções literárias.

Uma apreciação sobre a participação feminina na imprensa pernambucana, no século XIX, não pode deixar de mencionar a participação corajosa de Dona Umbelina Coelho da Silva Roma, viúva de Luiz Inácio Ribeiro Roma, proprietário da Typographia Imparcial, e um dos fundadores do *Diário Novo*, a principal folha responsável pela divulgação das idéias da Revolução Praieira, em Pernambuco. O jornal tinha uma tiragem entre 1.200 e 2000 exemplares e também trazia artigos literários, poesia e história. Não se compreende a revolução praieira sem examinar a intensa atividade da imprensa partidária no período. O funcionamento dos jornais estava interligado à estrutura partidária. Cada bloco político tinha um jornal principal, diário, que comandava um conjunto de pequenos outros jornais de periodicidade assistemática, muitos de curta duração e outros ainda restritos a apenas um número com objetivos muito claros e pontuais. Havia, portanto, uma relação intrínseca entre o partido, o jornal e a tipografia. Os blocos políticos possuíam uma equipe de redação formada por líderes e intelectuais que dirigiam a produção política na imprensa. O jornalista representava o partido ao qual estava vinculado. (Marson, 1980, p. 29-64)

Localizada na Rua da Praia, centro de comércio a retalho, o parque gráfico da tipografia era composto dos seguintes equipamentos: “três prelos, 80 pares de caixetas, 37 estantes para a mesma, 46 galés, 13 componedores, 58 caixas de tipos de composição e ornamento, duas caixas de emblemas e diversos utensílios dos prelos.” (Nascimento, 1968, p. 157).

De 1842 a 1845, enquanto jornal de oposição, o *Diário Novo* foi auxiliado pelas folhas: *O Guarda Nacional*, *O Cometa*, *O João Pobre*, *O Athleta*, *A Gazeta do Povo*, *A Marmota e O Foguete*. A partir de 1845, com os praieiros no poder, o *Diário Novo* torna-se o jornal oficial e conta com a colaboração de *O Sete de Setembro*, *O Guarda Nacional*, *O Volcão*, *O Artista*, *A Barca de vigia*, *Hum dos Cinco Mil*, *A Tempestade*, *O Bezerro de Pera*, *O Arara*, *O Praieiro*, *O Homem do Povo*, *A Ratoeira*, *O Camarão*, *O Azorrague*. Quando volta à oposição, em 1848, dando cobertura ao movimento armado, a tipografia conta com as seguintes folhas: *A Barca de São Pedro*, *O Maccabêo*, *A Verdade*, *O Vapor da Califórnia*, *O Confluente do Capibaribe*. (Marson, 1980, p. 44-46)

Com a morte do seu marido, em dezembro de 1848, Dona Umbelina herda não apenas a tipografia, mas um compromisso com a causa política e inúmeros problemas impensáveis para uma mulher daquela época. A tipografia passa a se chamar Typographia da Viúva Roma & Filhos. “A viúva, D. Umbelina, mulher de rara têmpera – escreveu Leduar de Assis Rocha – sustentou o jornal do marido e, o que é mais, no mesmo diapasão desabusado do esposo morto.” (Nascimento, 1966, p. 40).

No início de 1949, a equipe de redação foi dissolvida com a prisão de quase todos os seus redatores. No dia 11 de janeiro, “foram confiscados 250 exemplares da folha da Praia e espancados e presos seus distribuidores, levando a viúva a pedir aos assinantes que mandassem buscar o *Diário Novo* na sua residência, por cima das oficinas.” (Carneiro, 1960, p. 26) Apesar dos protestos do General Abreu e Lima, o chefe do governo, Manuel Vieira Tosta, auxiliado pelo chefe da polícia, Figueira de Melo, estava decidido a desestruturar o jornal, usando todas as estratégias possíveis: buscas na tipografia, apreensão de exemplares, prisão e recrutamento de empregados para servir ao exército, etc. No exemplar do dia 13 de janeiro, a folha explica aos seus assinantes:

“Não poderá sair o *Diário Novo* com regularidade, porque atualmente é composto por alguns amigos curiosos, e tirado por pessoas que nunca foram impressores.” (...) “A partir do dia 17, o *Diário Novo* passou a sair com colunas em branco, na parte que deveria conter o noticiário da insurreição.”(Carneiro, 1960, p. 26)

A perseguição foi sistemática e a publicação suspensa, várias vezes, em ocasiões estratégicas. No dia 1<sup>o</sup> de fevereiro, o jornal foi novamente suspenso, ressurgindo em 24 de abril, quando a polícia, outra vez, suspende a publicação. “Só voltou a 9 de julho após a viúva dirigir-se à Câmara Municipal e assinar uma declaração de ser proprietária da tipografia”. (Nascimento, 1966 p 44) O jornal, a despeito das perseguições, continuava virulento e audaz. Em 12 de novembro, a polícia cercou o prédio e realizou uma busca não só na tipografia mas, também, na

casa da viúva. O presidente da província, Honório Hermeto Carneiro Leão, mandou fechar o jornal que circulou, pela última vez, em 15 de novembro de 1849. Ainda segundo Nascimento, o jornal *O Fiscal*, de Ignácio Bento de Loyola, de 20 de novembro de 1849, acrescentou que, após cercar a tipografia, a polícia encostou à porta duas carroças para conduzir a oficina. Entretanto,

“a Sra. viúva Roma, proprietária deste estabelecimento, a muitas instâncias, pôde demorar a execução enquanto foi ter com S. Excia. O Sr. Honório, compadecido das lágrimas da desolada viúva, que reclamava o único arrimo dos seus filhos, mandou levantar o cêrco.” (Nascimento, 1966, p 47)

O Diário Novo reapareceu em fevereiro de 1852, mas acabou, definitivamente, em 30 de abril do mesmo ano.

Nos fins de 1849, a fase áurea da disputa político-partidária estava encerrada. Carvalho (1908) registra ainda outros periódicos impressos pela tipografia da viúva, não, necessariamente, folhas políticas: *O Recreio das Bellas* (set/49 a fev/50); *O Esforço* (político), em 1849; *Gazeta do Povo* (jornal liberal), em 1849; *O Rolha* (1849); *O Commercial* (jornal de interesses comerciais, agrícolas, industriais e de literatura), em 1850; *A Marmota Pernambucana* (1850); *O Patuléa* (1850); *O Jasmin* (jornal dedicado ao bello sexo), 1850; *O Telegrafo* (ligado à política liberal), 1850; *A Revolução de Novembro* (1850/51); *O Zoilo* (periódico crítico) 1850; *A Revista Teatral* - (primeiro jornal de teatro redigido por acadêmicos) 1850; *O Médico do Povo Pernambucano* (jornal de propaganda homeopática) 1850; *O Recreativo* (periódico moral, crítico e teatral) 1850/51; *A Revolução de novembro* (1852).

“A Typographia Imparcial Pernambucana, intitulada, desde a morte do seu fundador até 1853, Typographia da Viúva Roma & Filhos, foi primeiro arrendada e depois vendida a Ignácio Bento de Loyolla, sob cujo nome, até 1858, funcionou à Rua da Praia no. 45, e parece ter sido a mesma em que, até 1869, aquelle indefesso folliculario imprimio as suas tão numerosas producções jornalísticas, hoje justamente esquecidas.” (Carvalho, 1908, p. 47)

## **Da poesia à reportagem**

Com o século XX, a mulher passa a ter uma atuação mais marcante na imprensa pernambucana. Floresce uma imprensa feminina ainda bastante associada à imprensa literária, mas com um avanço considerável sobre os mais variados tipos de publicação. Apenas para ilustrar, selecionamos alguns periódicos que contaram com a colaboração das mulheres: Livros de sorte: *Estrellas de junho*, 1915/1938; *O Bonde Elétrico*, 1913; *O Apache*, 1919. Periódicos literários: *Polyantho*, 1904/1908; *Heliantho*, 1909; *Revista Pernambucana*, 1902; *Heliópolis*, 1917. Periódicos humorísticos e/ou lítero-humorísticos: *Zig-zag*, 1907; *O modernismo*, 1926; *A pilhéria*, 1921. Periódicos denominados lítero-elegantes: *O Arrabalde*, 1913; *O Arraial Chic*, 1929; *Correio Elegante*, 1929. Periódicos lítero-noticiosos: *O Lyz*, 1912; *O Jornal*, 1917; *A*

*Platéia*, 1920. Periódico acadêmico: *A Cultura Acadêmica*, vinculado à Faculdade de Direito do Recife, 1905. Jornais operários: *Aurora Social*, órgão do Centro Protetor dos Operários, 1903/1907; *União Operária*, 1907; *A Luta*, órgão da União Operária Católica, 1930. Periódicos espíritas: *A Verdade*, 1908; *A Cruzada*, da Cruzada Espírita de Pernambuco, 1924. Jornal esotérico: *A Vibração*, 1915. Periódico infantil: Reino da Petizada, semanário infantil ilustrado, 1927. Jornais de classe: Jornal de Medicina de Pernambuco, 1927. Jornais de bairro, alguns deles manuscritos: *O Trevo* (jornal manuscrito produzido no bairro de Afogados) 1911/1912; *O Recife* (produzido no bairro da Encruzilhada, dirigido por Honorina Lopes e seu marido Hildefonso Lopes, com a redação na residência do casal, escrito em papel pautado), circulou ininterruptamente de 1908 a 1914; *O Tegipió* (produzido no bairro do mesmo nome), 1927; *O Arraial Chic* (produzido no bairro de Casa Amarela), 1929; *O Eco* (produzido no Derby), 1930.

A presença feminina aparece ainda em outras publicações importantes, como as revistas *Rua Nova*, *A Nota*, *A Lanceta*, bem como em outras menos importantes, como as poliantéias, os jornais de propaganda comercial e os jornais carnavalescos.

Nessa diversidade, priorizamos três segmentos da imprensa que, durante as primeiras décadas deste século, tiveram uma significativa participação feminina: as publicações produzidas nos colégios e grêmios escolares, as publicações de orientação religiosa e as publicações de orientação feminina.

Entre as publicações produzidas em colégios e grêmios, citamos: *O Symbolo* - órgão do Grêmio Hermes Fontes, do bairro de Beberibe (1911); *A Voz do Agnes Erskine* (1923/1951); *Ilustração Escolar – Revista Mensal de Literatura e Artes da Escola Normal Oficial* (1929/1931); *Pinto Júnior – Revista de Educação*, órgão do Centro de Educação Rui Barbosa da Escola Normal Pinto Junior, (1924/1931); *Prytaneu*, órgão do Colégio Prytaneu (1923/1924); *O Lírio*, órgão da Academia São Luiz Gonzaga do Ginásio do Recife (1918); *O Cultivador*, da Escola Estadual Mista (1926/1934). Este jornal iniciou com a participação dos alunos. Após certo período, eles saíram do jornal e criou-se uma firma – Domingos Cordeiro & Cia. – para produzi-lo. Em 1933, a antiga diretora Clara Cordeiro tornou-se sua proprietária (Nascimento, 1975, p. 228 - 230). Foi ainda neste segmento que a incipiente imprensa interiorana abrigou a participação de mulheres. Foram os jornaizinhos das escolas, muitas vezes único na cidade, os principais veículos de expressão feminina. São inúmeros e, na maioria, manuscritos, alguns copiados em hectógrafo. Circularam na Zona da Mata, no Agreste e no Sertão, em escolas públicas e privadas, nos grupos escolares, nos ginásios, nas escolas normais, nos grêmios e nos centros estudantis. Nem sempre representaram iniciativas das mulheres, mas, na maioria elas estiveram presentes.



Em Gravatá, Floresta, Ipubi, Garanhuns... Onde existiram jornais de escolas, registram-se mulheres escrevendo.

Os periódicos de orientação religiosa também representaram um espaço considerável para a participação feminina: a revista *Maria* (1913/1951) fundada por padres católicos e vinculada às Congregações Marianas, concentra um número expressivo de colaboradoras; *A Tribuna*, órgão oficial da Diocese de Olinda (1906/1954); *A Gazeta*, órgão da paróquia da Boa Vista (1924/1926); *Rochas Massabiele*, Palmares (1936), *Voz Parochial*, Vitória de Santo Antão (1933); *O Dia*, órgão da Matriz de Piedade (1921-1922); são algumas das publicações registradas por Nascimento. Na imprensa de orientação evangélica, muito bem estruturada, principalmente, no interior do Estado, encontramos registros da participação feminina. A imprensa vinculada à Igreja Presbiteriana era bastante organizada em função da própria estratégia de divulgação da Igreja e da polêmica criada com os jornais católicos e/ou laicos que tinham influência da Diocese Católica. Em 1909, o pastor presbiteriano Jerônimo Gueiros, transferido de Natal onde era também diretor do jornal *O Século*, trouxe para Garanhuns a tipografia do jornal e fez a fusão entre este e a Imprensa Evangélica – Órgão do Presbitério da Bahia e de Sergipe. Dessa união, nasceu o *Norte Evangélico*, cuja tipografia passou a imprimir, também, outros jornais e revistas, inclusive alguns não vinculados à sua orientação religiosa. Nascimento identifica a participação feminina em *Correio Doutrinal*, Órgão Batista Construtivo (1923/1933); *Norte Cristão*, Órgão da Convenção Regional Nordeste, depois chamada União Evangélica Regional do Nordeste (1926).

Os jornais escolares e os de orientação religiosa eram mais bem estruturados e tiveram uma vida mais longa, em razão de estarem vinculados a instituições mais organizadas que lhes ofereciam sustentação.

A imprensa de orientação feminina, no princípio do século, congrega *O Lyrio* (1903), *O Botão do Lyrio* (1903), *O Altair* (1906), *A Grinalda* (1908) e *O Myosote* (1911). *O Lyrio* e *O Botão do Lyrio* tinham uma organização comum e o mesmo corpo redacional, composto por mulheres. Siqueira (1995, p.34-35), analisando esses periódicos, define-os como *imprensa perfumada*. Com uma linguagem delicada e recatada, adequada à época, essas mulheres pedem licença para ressaltar a importância da presença feminina na construção da sociedade. Entretanto, a maioria desses periódicos teve vida efêmera e embora muitas mulheres participassem, poucas foram as que tiveram uma presença marcante no contexto geral da imprensa.

Amélia Freitas Beviláqua foi redatora chefe da revista mensal *O Lyrio* e do jornalzinho *O Botão do Lyrio* (1903). Colaboradora da *Revista Pernambucana* (1902), de *O Prelo* (1905) e de

*Álbum Chic*, da Maison Chic (1906). Esposa de Clóvis Beviláqua e mãe de Dóris Beviláqua (poetisa e cronista) e de Floriza Beviláqua (cronista), ambas as diretoras de *O Altair* (1906).

Edwiges de Sá Pereira - intelectual respeitada pela elite dos intelectuais pernambucanos teve uma vasta colaboração na imprensa. Entre outros periódicos, citamos: *A Nota* (revista, 1921), *O Ratazana* (livro de sortes, 1918), *Revista do Instituto da Sociedade de Letras de Pernambuco* (1921), *Vida Feminina* (1925), entre outros. Colaborou ainda com os jornais diários *A Província*, *Jornal Pequeno*, *Commercio de Pernambuco*, entre outros. Membro da Academia Pernambucana de Letras (1951) e primeira mulher a se associar à Associação de Imprensa de Pernambuco (matrícula no. 317, em 13.05.1934).

“Há aqui um registro a fazer: a primeira mulher a se associar a A.I.P. foi a poetisa Edwiges de Sá Pereira, também pioneira desse feminismo literário – o único que Oliveira Lima admitia na Academia Pernambucana de Letras”. (Maia, 1982, p. 17).

Em 1918, chegou a Recife a jovem Frida Fainbaum que havia atuado como fotógrafa de jornais romenos, no período da 1ª Guerra Mundial. Aqui, ela constituiu família e viveu até 1971, mas nunca atuou na imprensa local.

A pulverização da presença feminina nos periódicos das primeiras décadas do século XX ocorre, também, em função da profusão de jornais das mais variadas linhas e tendências. O curioso é que muitas colaborações vinham de vários recantos da região (Ceará, Paraíba, Bahia, Alagoas, etc...), não apenas das capitais mas também de pequenos núcleos urbanos, sugerindo um raio de abrangência mais amplo e um público feminino solidário e interessado.

Em Pernambuco, o início do século XX marca o surgimento de vários jornais interioranos. A partir daí, pode-se identificar o incremento da imprensa pelo interior ainda que acanhada e modesta. A década de 20 é marcada pelas revistas e pela imprensa humorística.

Entre os anos 30 e 40, a imprensa pernambucana entrou numa fase de industrialização, permitindo a produção de jornais com melhor qualidade de impressão, diagramação mais leve e um visual mais moderno. Nesse período, o jornal fica mais vistoso com

“a introdução de linotipos que acabavam, de vez, com os tipos tipográficos manuais e usando, depois, farto serviço de clichê; em seguida páginas em cores, novas seções e suplementos “literário”, “infantil”, “sociedade” e “variedades” (...) Entram as rotativas “Marinoni” que posteriormente nas décadas de 50 e 70 seriam trocadas pelas rotativas “Man”, de maior capacidade e importadas da Alemanha que revolucionaram o aprimoramento da técnica de impressão”. (Maia, 1982, p. 42)

Nos anos 30, Pernambuco se empenha em organizar sua classe jornalística. Em 12 de setembro de 1931, nasce a Associação de Imprensa de Pernambuco (A.I.P.) no salão de

conferências do Diário de Pernambuco. (Maia, 1982, p. 110). Nos anos 40, na própria A.I.P., surgiu uma outra associação que deu origem ao sindicato da classe.

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de Pernambuco foi fundado em 27 de novembro de 1947. Nenhum dos dois contou com mulheres no quadro inicial de sócios e/ou de filiados. Na A.I.P., as primeiras sócias foram Edwiges de Sá Pereira (matrícula 317, em 13.09.1934), Araci do Rego Barros de Holanda (matrícula 330, em 1940), Maria das Graças Santos Leite (matrícula. 354, em 1940) e Nair de Queiroz Andrade Lima (matrícula 389, em 1941). No sindicato, as primeiras inscritas foram Célia Pereira e Raquel Fragoso de Almeida Castro, ambas em 1954.

Ainda concentradas em espaços menos privilegiados e com uma participação comedida, elas vão, aos poucos, conquistando o reconhecimento do público. Algumas tinham outro emprego, privilegiavam a rotina doméstica e o jornalismo não representava uma atividade profissional no sentido pleno. Nem a equidade salarial garantida pelos artigos 358, 461 e 462 da Consolidação das Leis Trabalhistas, de 1942, e pelo artigo 942 do Código do Processo Civil mudariam a percepção feminina em torno do exercício diletante do jornalismo.

Nos anos 40, com a incrementação de um jornalismo mais modernizado e a consolidação da imprensa diária através do *Diário de Pernambuco*, do *Jornal do Recife*, do *Jornal Pequeno*, do *Diário da Manhã* e ainda com o reaparecimento do *Jornal do Commercio*, vai-se delineando um perfil mais profissionalizante da atividade jornalística em Pernambuco. Nessa fase, embora as mulheres continuem colaboradoras, já se observam diferenças. O curioso é que o perfil profissional dessas mulheres também se altera. Vão saindo as literatas e chegando as professoras.

A grande batalha para a profissionalização da mulher, no jornalismo pernambucano, ocorreu na imprensa diária. Elas entraram através da literatura, depois marcaram presença nas seções de moda e elegância, embriões das páginas e dos suplementos femininos. As páginas femininas, ainda bastante associadas ao texto literário, foram introduzindo um conteúdo mais utilitário (modas, receitas, bordados, conselhos.) que, mesmo dentro dos limites, criava um espaço particularizado, uma espécie de núcleo de presença feminina, definido em função dos seus papéis sociais. Das páginas femininas, elas vão para os noticiários sociais e fazem as colunas de “*Mundanismo*”. O passo seguinte as leva as funções menos vistosas, mas não menos importantes: elas chegam às revisões dos jornais. Em 1946, o *Diário da Noite* tem uma equipe feminina de revisoras: Eunice Lopes, Jandira Loureiro de Souza, Perolina dos Santos Pereira e Isabel Ferreira. (Nascimento, 1967, p. 412). Da revisão, vão às reportagens. No jornal *Folha da Manhã*, Lourdes Cisneiros escreve reportagens (1949) e Maria Emília Galvão, sob o pseudônimo Miss Tricoline, faz comentário esportivo. Dessa fase intermediária entre o jornalismo artesanal e o jornalismo já

profissionalizado da década de 60, destacamos Ladjane Bandeira que teve uma produção direcionada às artes e Isnar Moura que empregou grande parte da sua atividade jornalística escrevendo sobre educação.

Até o início dos anos 50, 95% dos jornalistas registrados na Delegacia Regional do Trabalho eram homens. O primeiro registro feminino na DRT é de Olga Pimentel Campelo, na função de colaboradora, em 12 de março de 1948. Olga era dona de um cartório e repórter forense do Jornal do Commercio, em 1954. Na função de jornalista profissional, os primeiros registros femininos são de: Flora Machman, Flora Ferraz Veloso, Jandira Loureiro de Souza e Perolina dos Santos Pereira, todas em 1949. Perolina e Jandira foram revisoras do Diário da Noite (1946), Flora Ferraz foi colaboradora da Folha da Manhã e Flora Machman colaborou com o Diário da Noite (1949), com a Folha da Manhã (1945/1949) e, em 1950, iniciou, no Jornal do Commercio, a seção *Registro*, de crônica social, que logo depois ficaria a cargo de Isnar Moura. (Nascimento, 1967)

Quando se iniciou uma discussão sistemática e uma luta mais organizada pela profissionalização do jornalismo, em Pernambuco, na década de 50, as mulheres já estavam nas redações. Embora em minoria e muitas, como colaboradoras, já assinavam suas matérias. Algumas já trabalhavam com a notícia, o que representava um avanço considerável em relação aos períodos anteriores.

O rádio, que iniciou, na década de 20 com a Rádio Clube de Pernambuco e, posteriormente, Rádio Jornal do Commercio (1948), Rádio Tamandaré (1951), Rádio Olinda (1953), Rádio Capibaribe (1957) e Rádio Continental (1958), não representou um mercado para mulheres na área do jornalismo. Nessas rádios, a participação feminina estava mais integrada à produção artística. Nesse período, Ladjane Bandeira apresentou uma crônica diária, na Rádio Tamandaré, chamada *Sinfonia das Ruas*.

MARANHÃO FILHO oferece-nos um importante depoimento sobre o assunto:

“Quando comecei a ter contato com o rádio, em 1945, existia apenas em Pernambuco, a Rádio Clube, a pioneira P.R.A. 8. Apesar de meu pai, Luiz Maranhão, já ter sido locutor desde os anos 30, ele não se referia a NOTÍCIAS nesse período. Segundo o que se comentava nos bastidores, o noticiário vem com o ingresso do jornalista MÁRIO LIBÂNIO ALVES DA SILVA, egresso do “Diário da Manhã” para assumir uma espécie de Redação-Secretaria. Ele era o encarregado de redigir os ofícios da emissora e as atas do Conselho. Sentindo-se um tanto ocioso, resolveu escrever CRÔNICAS, numa linguagem coloquial, para diferenciá-la do texto impresso. Essas crônicas eram lidas, invariavelmente, pelo locutor José Renato, vindo de Alagoas, por Abílio de Castro, o chefe dos locutores e, eventualmente, por Antonio Maria, também cronista e redator. Ainda nos anos trinta, principalmente nas datas cívicas, Arnaldo e Oscar Moreira Pinto pediam a meu pai, para convidar MARIA LUIZA MARANHÃO, sua irmã e jovem professora da ESCOLA NORMAL DO ESTADO – situada no 13 de Maio, onde hoje existe a Câmara Municipal – para fazer a leitura de conferências escritas por

professores e intelectuais convidados. Profissionalmente, a primeira mulher a ingressar no nosso rádio como LOCUTORA, foi MARIA AUXILIADORA VIEGAS DE MEDEIROS, com o pseudônimo AUCI MEDEIROS, filha da professora Maria Elisa Viegas de Medeiros, do sistema estadual de Educação. Maria Elisa (mais tarde, deputada estadual) era exímia declamadora, ao lado de Celeste Dutra e Lourdes Vasconcelos, eventuais “falantes” mas sem acesso ao radiojornalismo. Este se concretizou no início dos anos 40, com o “Jornal Lavolho”, nome do colírio patrocinador), uma criação de Mário Libânio. Com tantos locutores de escol atuando na época – Mário Mansur, Clóvis Paiva, Sebastião Stanislau, Ernani Seve, Arnaldo Silva (hoje é padre), era difícil a presença feminina no ar. Na redação, então, nem se fala, porque o espaço barulhento e às vezes, pornográfico, das “salas de notícias”, impedia essa convivência. Além de Libânio, funcionavam como redatores, Olímpio Magalhães, mestre do Português, e Francisco Xavier Maranhão, meu tio, ex-procurador da Fazenda estadual, que fora cassado na ditadura de Vargas. Foram-se os anos, veio em 1948 o RÁDIO JORNAL DO COMMERCIO e as primeiras vozes femininas ao microfone, Etiene Rodrigues e Dolores Brandão, tiveram acesso às edições do “Jornal do Commercio no Ar”, mas sem trânsito pela redação, ao tempo comandada por Artur Malheiros, Romildo Cavalcanti e Eulino Duarte. Uma presença se tornou diferente, a da Dra. JANETE SLATER SWATON, apresentando, em ONDA CURTA, o programa “Brazil Calling”, que era um conjunto de variedades sobre o Brasil, mas sem a linha específica do radiojornalismo. Assim, transitando entre Rádio Clube, Rádio Tamandaré, Rádio Jornal do Commercio, Rádio Borborema de Campina Grande e Rádio Sociedade da Bahia até os anos 60, não tive contato com a presença feminina nas redações das emissoras. Nem se pode citar a mulher como locutora-titular de nenhum noticiário, de vez que a existência de programas nitidamente femininos – Helena Sangirardi, por exemplo, no Rio – acentuava a separação e a especialização. São as informações que poderíamos transmitir.”

A partir da década de 60, ocorreram, na Região Nordeste, importantes alterações na base produtiva regional, quando se registra uma perda expressiva da importância dos setores tradicionais e um avanço considerável nas atividades urbanas, principalmente do setor terciário, onde, tradicionalmente, a população feminina sempre foi mais bem absorvida, até porque é um setor pautado pela heterogeneidade e informalidade nas relações de trabalho.

Na área de Comunicação, a década de 60, em Pernambuco, é marcada pela chegada da televisão. TV Radia Clube, filiada aos Diários Associados (1960), TV Jornal do Commercio, de F. Pessoa de Queiroz (1960) e TV Universitária (1968), primeira televisão educativa do país, vinculada à Universidade Federal de Pernambuco e ainda pela fundação do Curso de Jornalismo na Universidade Católica de Pernambuco.

A fundação do Curso de Jornalismo na Universidade Católica de Pernambuco (UCP), iniciativa de Luiz Beltrão, com o apoio do Padre Aloísio Mosca de Carvalho, então Reitor da Universidade, representou um marco decisivo para o Jornalismo na região, pelo projeto inovador que incorporava e pela dimensão política que alcançou nos meios jornalísticos e acadêmicos no Brasil e na América Latina. Esse curso, iniciado em 1961 e com a duração de três anos, foi um

fator decisivo para a profissionalização da mulher na área do Jornalismo. O Curso contou com importantes nomes da cultura pernambucana, na época, jovens professores que iniciavam sua atividade docente. Entre outros, Armando Souto Maior, Nelson Nogueira Saldanha, Potiguar de Figueiredo Matos, Manuel Correia de Andrade, João Alexandre Barbosa, Palhares Moreira Reis, Amaro Quintas e José Brasileiro Vilanova. (Benjamin, 1998)

O Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM), vinculado ao Curso de Jornalismo, teve o cuidado de registrar dados importantes que mostram, nos primeiros anos, o ingresso feminino no curso, bem como o número de mulheres graduadas no mercado de trabalho. Das quatro concluintes do ano de 1963, duas ingressaram no mercado de trabalho, destacando-se Maria José de Andrade Lima (Zita), produtora de programas informativos da Rádio Universitária do Recife e da Rádio Olinda no programa “*Trinta minutos na vida de uma mulher*”, com matéria de interesse feminino e apresentação diária. Da turma de 1964, destacam-se Eulália da Costa Lopes, repórter mensal da sucursal de O Globo, Inalda de Moraes Pinho, repórter do Diário de Pernambuco e Isabel Walkiria de Freitas, repórter do Jornal do Commercio. (Aprendizagem das Ciências da Comunicação ..., 1965)

Em março de 1965, foi editada pelo ICINFORM a revista Comunicações & Problemas, considerada a primeira revista acadêmica de comunicação produzida no Brasil. Nessa revista, inicia suas atividades como jornalista, Tereza Lúcia Halliday. Em junho de 1965, entra em circulação o jornal laboratório do Curso de Jornalismo – *O aprendiz de Jornalismo* – de periodicidade semestral sob a responsabilidade de alunos do curso. Entre eles, Gilka Tavares Buriel (secretária) e Terezinha Patriota (gerente). (Eventos jornalísticos, 1965) Outras mulheres, já graduadas pelo Curso, assumiram funções no mercado de trabalho local: Ana Maria Campelo de Melo e Maria América Mendonça no Departamento de Divulgação da SUDENE; e Ivanise Sales, na Televisão Jornal do Commercio, Canal 2. (Atividades do ICINFORM... 1966)

Ainda em 1965, a jornalista Cristina Tavares, com os jornalistas Fernando Menezes e Wladimir Calheiros, renovou a estrutura do segundo caderno das edições dominicais do Jornal do Commercio, incluindo uma página dedicada a assuntos femininos (moda, jardinagem), decoração) assinada por Rosa Maria. No Diário de Pernambuco, Lourdes Sarmento assina a seção Roteiro Artístico, com noticiários e comentários sobre fatos e assuntos de arte. (Eventos jornalísticos, 1965)

Entre as reportagens publicadas na imprensa local, em 1965, e selecionadas pelo ICINFORM como as mais importantes do ano, já se encontravam algumas produzidas por mulheres. Entre outras, destacam-se “*Caminhões e taxas portuárias e marítimas deram fim às alvarengas*”, de Eulália Lopes, publicada no Diário da Noite, que trata do desaparecimento de

barcaças e saveiros que faziam o transporte de produtos da região entre o litoral nordestino e o Recife; “*Toma-se um pouco de azul...*”, de Maria do Carmo Barreto Campelo de Melo, sobre a praia de Maria Farinha, publicada no Jornal do Commercio; e ainda “*Prelos manuais ensinam o Nordeste a saber e a sonhar*”, de Zita de Andrade Lima, uma série de reportagens sobre a literatura de cordel, publicada no Diário de Pernambuco. (Eventos jornalísticos, 1965)

Marques de Melo, faz algumas observações sobre o período:

“Quando iniciei o meu curso de Jornalismo em Pernambuco, nos idos de 1961, havia nessa primeira turma várias mulheres. Sua proporção não correspondia à média de mulheres/jornalistas nas empresas recifenses. Vivíamos uma conjuntura em que o trabalho jornalístico era privilégio do sexo masculino. As poucas mulheres que disputavam espaço nas redações possuíam uma atitude destemida. Eram desbravadoras que haviam aberto o caminho para as que entrariam na profissão com o diploma na mão. Nesse sentido, a reserva do mercado de trabalho jornalístico para os diplomados da área beneficiou enormemente a ascensão social da mulher.”

A televisão pernambucana dos anos 60 absorveu os mais experientes profissionais do rádio e produziu programas muito criativos. Ela estava estruturada sobre teledramaturgia, programas de auditório e telejornalismo, sendo este último o menos privilegiado. A participação feminina na área jornalística, resumia-se à crônica social e à cobertura de concursos de miss ou de eventos cívicos, destacando-se Floriza Rossi, Dolores Brandão, Etienne Rodrigues e Nair Silva.

A década de 60 registrou uma presença mais expressiva das mulheres no exercício da profissão, embora os registros da D.R.T. ainda apontassem que 89% dos inscritos, no período, eram do sexo masculino. No período, elas passaram a ter funções definidas. Além dos suplementos femininos, nos jornais locais, ocuparam espaços nas sucursais dos jornais do Sul sediados em Recife. Conquistaram, também, o credenciamento para cobertura de eventos político-administrativos, espaço privilegiado e historicamente ocupado pelos homens. Ainda não tinham a mesma representatividade masculina, mas atuavam como repórteres, colunistas, articulistas, revisoras, etc. Ascenderam da categoria de colaboradoras para free-lancers, uma espécie de colaboração provisionada ou contratada. Se essas novas posições não representavam muito como remuneração, o avanço era de inestimável valor simbólico. Destacaram-se as jornalistas Ariadne Quintela, Cristina Tavares, Daura Lúcia, Leda Rivas, Lloyd Reis, Lourdes Sarmento, Zenaide Barbosa, Alba Tavares Correia, Zilda Emerenciano, entre outras, pioneiras da fase de consolidação do espaço feminino no jornalismo pernambucano. A década de 60 encerra-se com a regulamentação da profissão pelo Dec. Lei 972, de 1969.

## Referências Bibliográficas

- APRENDIZAGEM das Ciências da Comunicação em Pernambuco. Comunicações & Problemas. Recife, v.1, n. 1, p. 6-8.
- ATIVIDADES do ICINFORM e da FACUND (mar-jun). Comunicações & Problemas. Recife – Brasília, v.2, n.2, p. 93-95. Jul. 1966.
- BENJAMIN, Roberto (Org.). Itinerário de Luiz Beltrão. Recife: Associação de Imprensa de Pernambuco, Fundação Antonio dos Santos Abranches – FASA, 1998, 311p.
- CARNEIRO, Edison. A insurreição praieira (1848 –49). Rio de Janeiro. Ed., Conquista. 1960. 253p.
- CARVALHO, Alfredo de. Annaes da imprensa periódica pernambucana de 1821 – 1908: dados históricos e bibliográficos. Recife. Typographia do Jornal do Recife. 1908. 640p.)
- CASTILHO, Paulo. Forte sexo frágil. Revista Imprensa, São Paulo, n. 126, p.30-31, mar. 1998.
- EVENTOS Jornalísticos – 1965. Comunicações & Problemas, Recife, v.1, n.2, p. 130-132, jul., 1995.
- EVENTOS Jornalísticos (jul - set 65). Comunicações & Problemas. Recife, v. 1, n. 3, p. 164-170. Nov. 1965.
- FERREIRA, Luzilá Gonçalves et. al. Suaves amazonas: mulheres e abolição da escravatura no Nordeste. Recife, Editora Universitária/UFPE. 1999. 236p.
- FIGUEIROA, Elieser. História da imprensa de Jaboatão. Coleção tempo Municipal. Centro de Estudos de História Municipal. FIAM, CEHM, Recife. CEPE. 382 p.
- LIMA, Raquel et al. A participação da mulher na imprensa escrita de Pernambuco. Recife: [s.n.], 1993. 74p. (Relatório de pesquisa).
- MAIA, Carlos Leite. 50 anos da Associação de Imprensa de Pernambuco. Recife, Ed. Massangana, 1982. 368p.
- MARANHÃO Filho, Luiz. Memória do rádio. Recife, Editorial Jangada, 1991.95p.
- MARSON, Izabel Andrade. Movimento praieiro: imprensa, ideologia e poder político (1842-1849). São Paulo, Editora Moderna Ltda. 1980. 117p.
- MELLO, Henrique Capitolino Pereira. Pernambucanas Illustres. Fac-símile da edição de 1879. Recife, Assembléia Legislativa, 1980. 183p.
- MIRANDA, Ana Carolina M.S. Subsídios para a história da televisão brasileira: televisão em Pernambuco. UFPE. CNPq/PIBIC. Departamento de Comunicação Social. 1999. 120p. (Relatório de pesquisa).
- NASCIMENTO, Luis do. História da imprensa de Pernambuco (1821-1954). Volume II. Diários do Recife – 1829/1900. Imprensa Universitária. Universidade Federal de Pernambuco. 1966. 460p.
- \_\_\_\_\_. História da imprensa de Pernambuco (1821- 1954). Volume III. Diários do Recife – 1901/1954. Imprensa Universitária. Universidade Federal de Pernambuco. 1967. Recife. 485p.
- \_\_\_\_\_. História da imprensa de Goiana. Separata da História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954). Recife. Universidade Federal de Pernambuco. Editora Universitária. 1970. 88p.



\_\_\_\_\_. História da imprensa de Pernambuco (1821 – 1954). Volume VI Periódicos do Recife. 1876-1900. Universidade Federal de Pernambuco. Editora Universitária. 1972. 519p.

\_\_\_\_\_. História da imprensa de Pernambuco (1821-1954) Volume I. Diário de Pernambuco. 2ª Edição. Imprensa Universitária. Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 1968. 210p.

\_\_\_\_\_. História da imprensa de Pernambuco (1821-1954). Volume IV. Periódicos do Recife – 1821 – 1850. Universidade Federal de Pernambuco. Imprensa Universitária. Recife. 1969. 375p.

\_\_\_\_\_. História da imprensa de Pernambuco (1821-1954). Volume XI. Municípios das Letras A a D. Universidade Federal de Pernambuco. Editora Universitária. Recife. 1994. 448p.

\_\_\_\_\_. História da imprensa de Pernambuco. (1821 – 1954). Volume VIII. Periódicos do Recife – 1916 – 1930. Universidade Federal de Pernambuco. Editora Universitária. Recife. 1982. 397p.

\_\_\_\_\_. História da imprensa de Pernambuco. (1821-1954). Volume VII. Periódicos do Recife – 1901/1915. Imprensa Universitária. Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 1975. 424p.

\_\_\_\_\_. História da imprensa de Pernambuco. (1821-1954). Volume XII. Municípios das Letras E a J. Universidade Federal de Pernambuco. Editora Universitária. 1994. 280p.

\_\_\_\_\_. História da imprensa de Pernambuco. (1921-1954). Volume V. Periódicos do Recife. 1851-1875. Universidade Federal de Pernambuco. Editora Universitária. Recife, 1970. 424p.

\_\_\_\_\_. Pseudônimos de jornalistas pernambucanos. Universidade Federal de Pernambuco. Editora Universitária. 1983. 231p.

PHAELANTE, Renato. Fragmentos da história do Rádio Clube de Pernambuco. 2ª edição. CEPE. Recife. 1995. 152p.

SIQUEIRA, Elizabeth et al. Um discurso feminino possível: pioneiras da imprensa em Pernambuco (1830-1910). Universidade Federal de Pernambuco. Editora Universitária. 1995. 193p.

